

Originárias e guardiãs da terra: a importância de uma bancada do cocar em tempos de Bolsonaro

Weuler Pereira de Azara¹

Resumo: Com o visível aumento das candidaturas indígenas ocorrido a partir das eleições de 2018 e a crescente campanha para que mais indígenas ocupassem cargos políticos no congresso Brasileiro a Associação dos Povos Indígenas do Brasil APIB, divulgou e fomentou as campanhas das candidaturas de indígenas em todo território nacional. Nas eleições de 2022 essas divulgações foram centradas em diversas plataformas e marcadas pelas hashtags #BancadaDoCocar e #BancadaIndígena. O ideal “Aldear a Política” surge com apoio do site campanhaindigena.info, criado e mantido pela APIB. As eleições de 2022 consagram a trajetória iniciada por Joenia Wapichana no congresso nacional elegendo Sônia Guajajara e Célia Xacriabá como fortes representantes da causa indígena e das lutas por direitos de seus povos. Juntas, as duas candidatas somam mais de 250 mil votos e compõe a imprescindível Bancada do Cocar. Em tempos de negacionismos, desinformações, aumento dos números da violência e de uma campanha bolsonarista pela retirada de direitos, o momento em que essas candidaturas se efetivam é um dos mais devastadores à causa indígena possível. As candidatas enfrentarão um cenário de destruição deixado por um governo negacionista, genocida e extremamente violento. Este artigo busca ecoar as ideias de campanha difundidas pelas candidatas citadas e suas articulações no cenário político partidário bem como abordar as graves denúncias publicadas a respeito das violências vividas cotidianamente pelos povos indígenas. Este trabalho é norteado pelas falas de Sonia Guajajara e suas companheiras guerreiras que ecoaram seus ideais políticos participando do primeiro seminário das Originárias da Terra realizado pela ANMIGA (Articulação Nacional das Mulheres Indígenas Guerreiras da Ancestralidade) onde ela afirma que levará seu cocar e toda sua ancestralidade para transitar em um ambiente majoritariamente branco e masculino. Mulheres raiz, mulheres semente, mulheres bioma, mulheres terra e mulheres água juntas, unidas em um corpo-território que não caminha só. Estas candidaturas enfrentarão um grande desafio para poder ampliar suas vozes dentro deste cenário institucional. Precisarão (re)construir um vasto território nas mentes e localidades nacionais. Territórios devastados por pensamentos nocivos e ideais preconceitos cristalizados pela ação colonial.

Palavras chave: Indígenas; Política; Bancada do cocar; Eleições.

As eleições de 2022 marcam a trajetória iniciada por Joenia Wapichana no congresso nacional elegendo Sônia Guajajara e Célia xacriabá como fortes representantes da causa indígena e das lutas por direitos de seus povos. Juntas, as duas candidatas somam mais de 250 mil votos e compõe a imprescindível Bancada do Cocar. Em tempos de negacionismos, desinformações, aumento dos números da violência e de uma campanha bolsonarista pela retirada de direitos, o cenário em que essas candidaturas se efetivam é um dos mais

¹ Discente de mestrado do Programa de Pós Graduação da Universidade do Estado de Santa Catarina bolsista do programa de bolsas Carrefour.



devastadores à causa indígena possível. O governo Bolsonaro ficará marcado como o único governo a não demarcar nenhum centímetro de terras indígenas desde a redemocratização do Brasil², além de ficar conhecido também pelo aumento da violência contra os povos originários como veremos a seguir. Dentro deste cenário tão desfavorável, essas mulheres conseguiram ecoar suas vozes e garantir seu espaço de protagonismo. Este artigo será norteado pela seguinte questão: Em virtude da destruição deixada por um governo extremamente preconceituoso e violento, qual a importância da formação de uma bancada do cocar? Dentro deste questionamento, o artigo discutirá também quais os desafios que essas candidatas indígenas enfrentarão ao adentrar ao cenário político partidário nacional.

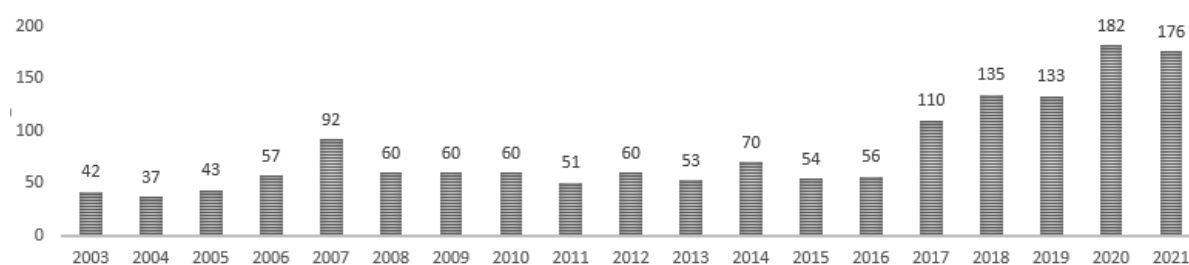
Com o visível aumento das candidaturas indígenas nas eleições de 2018 e a crescente campanha para que mais indígenas ocupassem cargos políticos no congresso nacional a Associação dos Povos Indígenas do Brasil APIB, divulgou e fomentou as campanhas das candidaturas de indígenas em todo território nacional. Nas eleições de 2022 essas divulgações foram centradas em diversas plataformas e marcadas pelas hashtags #BancadaDoCocar e #BancadaIndígena. O ideal “Aldear a Política” surge com apoio do site campanhaindigena.info, criado e mantido pela APIB. Em um cenário extremamente desfavorável a causa indígena, essas campanhas lutaram contra uma onda imensa de ódio, desinformação, negacionismos. Importante citar que o ano de 2020 é considerado um dos anos em que se registra o maior número assassinatos de indígenas em território nacional desde 2003, segundo os dados do Relatório de Violência Contra os Povos Indígenas, elaborado pelo Conselho Indígena Missionário CIMI. Observando os dados destes relatórios é possível observar que somados, os três primeiros anos de governo Bolsonaro retiraram 491 vidas indígenas. Estas mortes vão de encontro com a aproximação deste governo com a bancada ruralista e também de sua campanha massiva de desinformação e ataques contra povos subalternizados.

A série de dados aponta ainda que o aumento de casos de assassinatos de indígenas tem um aumento significativo e entra em uma crescente a partir de 2017. Vale a pena lembrar que neste mesmo ano a então presidenta Dilma Rousseff, sofre um golpe que findaria com a cassação de seu mandato. Em 2017 110 indígenas foram mortos seguido por 2018, ano de massiva campanha de desinformação veiculada por Bolsonaro, com 135 mortes,

²Dados observados segundo levantamento feito pela organização INFOAMAZONIA disponível em: <https://infoamazonia.org/2022/10/27/sem-terras-demarcadas-indigenas-se-arriscam-fazendo-autodemarcacao-durante-o-governo-bolsonaro%E2%82%AC%80%BC/>



dando sequência com o ano de 2019, primeiro ano do governo Bolsonaro com 133 assassinatos, 2020 o ano de passar a boiada³ com 182 assassinatos e 2021 com 176 assassinatos, abaixo o comparativo de 2003 a 2021, vale observar que nunca, antes de 2017 o número de assassinatos ultrapassou a casa dos 100. Ressalto também a soma entre os anos de 2003 e 2016, totalizando em treze anos quase que o total dos últimos cinco anos da direita no poder.



É evidente que a ascensão da extrema direita ao poder corrobora, endossa e acentua a violência contra pretos, LGBTQIA+, pobres e principalmente os indígenas. Quanto a essa violência, podemos apontar que esta prática genocida do governo de Bolsonaro se encaixa no que Achille Mbembe (2016), denomina de necropolítica, onde o autor aponta que as estruturas coloniais ainda incidentes e impostas na sociedade atual moderna decidem quem pode/deve morrer, isto visando a total eliminação ou extermínio de um certo povo/grupo. O autor se apoia

Figura 1 Fonte relatório de violência contra povos indígenas CIMI 2003 - 2021

ideia foucaultiana de biopoder exemplificando que o racismo se torna uma chave fundamental para se exercer o direito de matar, segundo o autor:

Com efeito, em termos foucaultianos, racismo é acima de tudo uma tecnologia destinada a permitir o exercício do biopoder, “aquele velho direito soberano de morte”. Na economia do biopoder, a função do racismo é regular a distribuição de morte e tornar possível as funções assassinas do Estado. Segundo Foucault, essa é a “condição para a aceitabilidade do fazer morrer” (MBEMBE, 2016, p. 128).

³Em abril de 2020 o então ministro do meio ambiente Ricardo Salles disse em reunião “vamos aproveitar enquanto só se fala em covid para passar a boiada”. Na ocasião áudios da reunião foram divulgados fonte: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/05/22/ministro-do-meio-ambiente-defende-passar-a-boiada-e-mudar-regramento-e-simplificar-normas.ghtml>



Racismo mantido, perpetuado, difundido e fomentado por um governo liderado por alguém extremamente preconceituoso e contrário a qualquer causa social e minorias. A violência aplicada é herança da colonização que até os dias de hoje deixam marcas em nossa sociedade, a colonialidade é percebida e vivida no dia-a-dia da população não branca, para Aníbal Quijano (2009), a colonialidade classifica racial e etnicamente a população se apresentando como um dos pilares da manutenção do capitalismo.

A colonialidade é um dos elementos constitutivos e específicos do padrão mundial do poder capitalista. Sustenta-se na imposição de uma classificação racial/étnica da população do mundo como pedra angular do referido padrão de poder e opera em cada um dos planos, meios e dimensões, materiais e subjectivos, da existência social quotidiana e da escala societal. (QUIJANO, 2009, p. 73).

A colonialidade é percebida e vivida em vários aspectos na sociedade moderna, nas universidades, na saúde nas deliberações do governo e na retirada de direitos e na não representação de seus modos de vida e de seus protagonismos. É dentro deste cenário, violento que antecipando o que estava por vir, em janeiro de 2018, a então pré-candidata Sônia Guajajara publica uma carta aberta⁴ sobre sua candidatura à vice presidência da república. No documento postado em suas redes sociais e veiculado pela agencia de notícias Mídia Ninja, a candidata faz um alerta sobre a crescente onda de conservadorismo que vem se instaurando no Brasil. Ela defende que os direitos dos trabalhadores sejam assegurados e, acima de tudo, que os povos originários consigam resgatar o direito pelas suas terras e se tornem cada vez mais protagonistas na (re)construção da sociedade brasileira. A carta abrange ainda a recorrente onda de retirada de direitos dos povos indígenas e alerta para o fato de que ainda existe pouquíssima representatividade na política partidária, entoando um chamado para que mais candidaturas indígenas possam acontecer em todos os cargos possíveis.

E quero aqui começar o ano falando sobre candidaturas indígenas em 2018. Diante de todos os ataques e retrocessos que vem perdurando durante toda a história, se faz necessário que nós indígenas com toda a nossa sabedoria, ancestralidade e articulação possamos nos adentrar nas candidaturas das próximas eleições para pleitear as vagas nos espaços institucionais ao Parlamento e ao Executivo, conforme for as nossas articulações políticos partidárias, e assim começarmos a ocupar esses espaços que até hoje, 518

⁴ Carta escrita por Sonia Guajajara publicada na página Midia Livre disponível online em: <https://midianinja.org/news/Sônia-guajajara-lanca-carta-sobre-pre-candidatura-a-presidencia-da-republica/>



anos depois, é ocupado em sua maioria por representantes muito distante ou totalmente contrário às causas populares e à diversidade desse país. (GUAJAJARA, 2018, Online).

Este chamamento feito por ela é embasado pelos anos e mais anos de falta de representatividade indígena no âmbito político partidário brasileiro. Sônia buscou reunir e levantar os seus para que esta representatividade pudesse efetivamente acontecer e a resposta ao chamado veio dois anos depois. Nas eleições de 2020, as candidaturas indígenas obtiveram um salto incrível marcando o pleito daquele ano como um dos mais importantes no país quanto à participação indígena. Segundo dados das estatísticas eleitorais do TSE (2020), nas eleições que ocorreram em novembro daquele ano 2215 indígenas se candidataram para cargos de prefeito, vice prefeito e vereador. Dentre estas candidaturas, as mulheres indígenas totalizaram 733 candidatas, 34,64% dos aptos a concorrer a um cargo público naquele pleito. Quanto aos resultados, das 2.116 candidaturas, 195 foram eleitos, totalizando 9,22% de sucesso. Foram eleitos 8 candidatos indígenas para o cargo de prefeito, 10 ocuparam o cargo de vice-prefeito e 177 vereadores. Das 733 mulheres indígenas candidatas 31 foram eleitas, destas 28 ocuparam o cargo de vereadoras, 2 como vice-prefeitas e 1 como prefeita.

Voltando ao desafio que a campanha por uma #BancadadoCocar teria que enfrentar, o governo Bolsonaro desmatou, retirou direitos, sucateou as universidades e se manteve ultra alinhado a bancada ruralista⁵, incentivando o desmatamento e a invasão às terras indígenas. Em sua participação na abertura do Primeiro Seminário das Originárias da Terra – O futuro que queremos, organizado pela ANMIGA em novembro de 2022, Braulina Aurora, representando o povo Baniwa sinaliza o campo desastroso deixado pelos quatro anos do governo.

Vamos caminhar defendendo nosso território e nosso corpo território contra qualquer tipo de violência porque nos últimos quatro anos nesse governo o corpo mais atacado foi o corpo dos indígenas. Foram várias Daiana que foram sentenciadas, que por mão do estado por falta de política pública que atenda a nossa especificidade enquanto indígenas mulheres. (AURORA, 2022. Online).

⁵ Desde o início de seu mandato, Bolsonaro se manteve leal à bancada ruralista
<https://www.estadao.com.br/politica/bolsonaro-a-bancada-ruralista-esse-governo-e-de-voces/>



Braulina cita Daiane Kaingang, uma jovem de 14 anos encontrada morta nas proximidades da terra indígena Guarita⁶. Falta de políticas públicas, falta de segurança, retirada de direitos, essas mulheres enfrentarão um grande desafio contra toda esta estrutura já posta quando assumirem seus cargos, precisarão dialogar com representantes da bancada ruralista, precisarão defender seu corpo território, não há como dissociar o corpo da terra, da natureza como bem explica Sônia Guajajara, também participante do Seminário supracitado:

Porque nós na primeira marcha das mulheres, nos já afirmamos que corpo território e espírito, um só. Território nosso corpo nosso espírito, um só, não tem como separar. Então quando desmata nossos territórios, quando desmatam nosso meio ambiente tá desmatando também o nosso próprio corpo. Quando queimam as nossas árvores tão queimando também o nosso corpo. Nosso corpo sangra junto com todas essas injustiças, com toda violência com toda essa destruição da mãe terra. Que a qualquer custo eles tentam legalizar (GUAJAJARA, 2022.Online)

Sônia denuncia o que por muito tempo vem acontecendo em território nacional, pelos que Davi Kopenawa em “A queda do céu”, chama “povo da mercadoria”, homens que adentram as terras, arrasam e destroem a natureza não se importando em desmatar, o que em quatro anos o governo Bolsonaro fez, e muito. Segundo levantamento de dados do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais INPE, reunidos e publicados pela INFOAMAZONIA, durante os quatro anos deste governo mais de quarenta mil quilômetros quadrados da floresta amazônica foram desmatados. A organização aponta que houve um aumento da expansão do garimpo ilegal em terras indígenas, totalizando duzentos quilômetros quadrados em dezoito territórios. O povo da mercadoria, avança e suas cobiças destroem o caminho que passam. Davi Kopenawa cita que essa gana pela devastação e acumulação de capital causará o caos e seu diagnóstico é enfático: “Temo que sua excitação pela mercadoria não tenha fim e eles acabem enredados nela até o caos. Já começaram há tempos a matar uns aos outros por dinheiro em suas cidades e a brigar por minérios ou petróleo que arrancam do chão.”. (KOPENAWA, 2019, p. 419) Não é possível pensar um futuro decente sem que nossa natureza, a mãe terra seja preservada. Qual futuro queremos? O tema da primeira mesa do primeiro seminário das Mulheres Originárias da Terra é uma provocação a toda essa atrocidade deixada por quatro anos de governo omissivo e destruidor. Ailton Krenak em “Ideias

⁶ A jovem Daiane Kaingang foi estuprada e morta por um homem de 33 anos em agosto de 2021. <https://cimi.org.br/2021/10/ministerio-publico-denuncia-homem-por-estupro-e-morte-da-adolescente-indigena-daiane-kaingang/>



Para Adiar o Fim do Mundo” conta que o que estamos vivendo hoje é fruto de um projeto que estrutura a base da história do Brasil:

O que está na base da história do nosso país, que continua a ser incapaz de acolher os seus habitantes originais — sempre recorrendo a práticas desumanas para promover mudanças em formas de vida que essas populações conseguiram manter por muito tempo, mesmo sob o ataque feroz das forças coloniais, que até hoje sobrevivem na mentalidade cotidiana de muitos brasileiros —, é a ideia de que os índios deveriam estar contribuindo para o sucesso de um projeto de exaustão da natureza. (KREKAK, 2019, p. 21)

Ao contrário de uma ideia de exaustão dos recursos naturais, as pautas que os e as indígenas carregam contribuem para a preservação e recuperação de áreas devastadas, não somente seus territórios, mas o meio ambiente como um todo. Como apontado anteriormente corpo e território não se desassociam e este corpo está em evidência e pede socorro. Pautas comuns observadas nas campanhas de Célia Xakriabá, Joenia Wapichana, Eunice Kerexú e Sônia Guajajara, um chamado para retomar e reflorestar as mentes, e todos os lugares devastados. Compromissos com uma luta que defende os direitos de seus povos e da sociedade, pela retomada das demarcações e por segurança, saúde, educação, assistência e acesso a direitos básicos, universidades e muito mais, como aponta Sônia.

Então não duvide, não duvide do que nós somos capazes porque nós vamos estar lá tanto para articular quanto para desarticular pautas históricas que retrocedem os nossos direitos. Nossa missão é essa, nós vamos articular aquilo nos interessa, mas vamos também desarticular tudo o que querem aprovar a qualquer custo, a destruição dos nossos territórios, do meio ambiente, e dos nossos direitos. Porque a nossa luta ali não é somente uma luta só por direitos nunca foi uma luta só por direitos, é uma luta pela vida é uma luta pela vida que a gente sempre defendeu aqui no nosso movimento e que agora a gente leva para dentro da institucionalidade. (GUAJAJARA, 2022. Online)

Levar seus cocares e sua ancestralidade para dentro de um universo formado majoritariamente por homens, em sua maioria brancos de classe média. Elas enfrentarão um grande desafio para poder ampliar suas vozes dentro do cenário institucional. Precisarão (re)construir um vasto território nas mentes e localidades nacionais. Territórios devastados por pensamentos nocivos e preconceitos. Transitar pelo congresso também não será uma tarefa fácil, “Todo mundo sabe que estar lá não é fácil é um ambiente machista hostil



violento, mas nós estamos confiando muito nessa força que nós estamos recebendo aqui de vocês.” (GUAJAJARA, 2022. Online)

Voltando ao questionamento inicial, qual a importância de uma bancada do cocar em tempos de destruição deixada por um governo de extrema direita, alinhado às pautas ruralistas e que endossa movimentos preconceituosos e a retirada de direitos, as campanhas indígenas e suas pautas apresentam uma nova forma de se fazer política, pensando no coletivo e, articulando pautas próprias com demandas diversas da sociedade não indígena. São anos e anos de lutas e enfrentamento corpo-a-corpo perante a uma sociedade preconceituosa racista, misógina, sexista e violenta. Mulheres indígenas sempre estiveram a frente de suas lutas e sempre fizeram política dentro e fora de seus territórios, como apresentado por; Adriana Uassuri de Souza do povo Karajá-MG, Juvana Evarista dos Santos e Edileia Santiago Oliveira do povo Xakriabá-MG em seu trabalho “A mulher indígena e o protagonismo de sua própria história de luta e resistência”.

O papel da mulher indígena no território e na luta é essencial para a conquista de direitos para todo o povo. As mulheres não têm uma luta isolada, elas se agregam às lutas que já vêm sendo travadas há muito tempo, principalmente por direitos à demarcação dos seus territórios originários. Elas têm protagonizado várias ações em suas comunidades, têm sido o pilar que sustenta não só a cultura e a luta, mas também os espaços institucionais que têm ocupado. (SOUZA; SANTOS; OLIVEIRA, 2020 p.99)

Mulheres indígenas sofrem com a colonialidade diariamente. Linda Smith aponta que o modo de se contar a história na atualidade não contempla história indígena e que eles por vezes são desautorizados a contar suas próprias narrativas, a autora aponta ainda que a epistemologia da academia ocidental desvaloriza saberes tradicionais. Estas marcas do imperialismo e deste passado colonial latente inda está presente na vida destes povos e:

Falar a respeito do passado colonial faz parte do nosso discurso político, do nosso humor, da nossa poesia da nossa música, dos nossos relatos e de outras formas, em um sentido comum, de transmitir ao mesmo tempo a narrativa da história e uma atitude em relação a esta. As experiências vividas sobre o imperialismo e o colonialismo conferem outra dimensão aos sentidos pelos quais palavras como “imperialismo” podem ser compreendidas. Trata-se de uma dimensão que os povos indígenas conhecem e compreendem bem. (SMITH, 2018, p. 32)

Certamente é impossível abordar a história indígena atual sem abordar a violência em que estes povos foram e são submetidos e é (re)construindo suas histórias dentro desse



passado tão aterrorizante que hoje os mais de 250 povos que resistem e persistem em solo nacional caminham juntos em direção a um novo futuro. O futuro que queremos, tema do primeiro seminário das originárias da terra não é apenas uma provocação, mas sim um alerta! O futuro é indígena e já que o passado não pôde ser essas guerreiras pretendem (re)construir o que foi destruído. Quanto ao papel das mulheres indígenas nesta trajetória, Sônia reconhece a importância de cada uma delas que fizeram com que este sonho fosse alcançado:

Cada mulher Raiz que compõe a ANMIGA que estava lá no território fazendo essa reza por nós. Cada mulher Semente que esteve nos territórios semeando as nossas candidaturas de cada mulher Bioma que esteve aí torcendo igualmente, se candidatando e também do torcendo para que a bancada do cocar fosse eleita de cada mulher Terra que tá aqui hoje que ficou ali o tempo todo fazendo tanto essa articulação para apoiar nossas candidaturas como também para manter a caravana de pé e sair pelos territórios falando da importância das mulheres indígenas candidatas. Das mulheres Águas que são nossas mulheres que discutem no âmbito Internacional igualmente também vamos torcer juntos por essa Liberdade é o mais importante hoje é o lugar que eu ocupo, mas as pautas que a gente leva hoje para a institucionalidade as lutas históricas para a gente reduzir essa desigualdade que assola o nosso país. (GUAJAJARA, 2022. Online)

Mulheres raiz, mulheres semente, mulheres bioma, mulheres terra e mulheres água juntas, unidas em um corpo-território que não caminha só. Corpo-território que não perece, este corpo pede socorro, este território já a muito tempo devastado e arrasado agora levanta, grita, luta e ecoa sua força e ancestralidade clamando por direitos e, além de tudo, por igualdade, representatividade e protagonismo. A bancada do cocar, ainda que pequena em número, finca um passo inicial e crucial para que em um futuro próximo possamos dialogar com os saberes indígenas e traze-los cada vez mais para perto das nossas vivencias não indígenas. Reflorestar mentes, aldear a política, semear boas ideias tudo isto conectado a um projeto de “cura da terra” presente no chamado pela terra dessas candidatas.

Referências

AURORA, Braulina. **Primeiro Seminário das Originárias da Terra**. [S. l.]: ANMIGA Brasil/, [2022]. 1 vídeo (109 min:30 seg). Disponível em: https://www.instagram.com/tv/CjtfC73hyy_/?igshid=YmMyMTA2M2Y=. Acesso em: 18 out.2022.

BRASIL. Tribunal Superior Eleitoral (TSE). **Estatísticas Eleitorais, 2020**. Disponível em: <https://www.tse.jus.br/eleicoes/estatisticas/estatisticas-eleitorais/>>. Acesso em: 10 abr 2021.



CIMI. **Relatório Violência contra os Povos Indígenas no Brasil: 2003 - 2021.** 2003 - 2021. 2022. Disponível em: <https://cimi.org.br/observatorio-da-violencia/edicoes-anteriores/>. Acesso em: 10 nov. 2022.

GUAJAJARA, Sônia. **Carta pré-candidatura à Presidência do Brasil.** Disponível em: <https://midianinja.org/news/Sônia-guajajara-lanca-carta-sobre-pre-candidatura-a-presidencia-da-republica/> Acesso em: 25 mar. 2021.

GUAJAJARA, Sônia. **Primeiro Seminário das Originárias da Terra.** [S. l.]: ANMIGA Brasil/, [2022]. 1 vídeo (109 min:30 seg). Disponível em: https://www.instagram.com/tv/CjtfC73hyy_/?igshid=YmMyMTA2M2Y=. Acesso em: 18 out.2022

INFOAMAZONIA. **Em imagens de satélite: a devastação da Amazônia no governo Bolsonaro.** 2022. Disponível em: <https://infoamazonia.org/2022/10/28/imagens-satelite-desmatamento-amazonia-governo-bolsonaro/>. Acesso em: 10 dez. 2022.

INFOAMAZONIA. **Sem terras demarcadas, indígenas se arriscam fazendo autodemarcação durante o governo Bolsonaro.** 2022. Disponível em: <https://infoamazonia.org/2022/10/27/sem-terras-demarcadas-indigenas-se-arriscam-fazendo-autodemarcacao-durante-o-governo-bolsonaro%EF%BF%BC/>. Acesso em: 01 nov. 2022.

KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. **A queda do céu: palavras de um xamã yanomami.** Editora Companhia das Letras, 2019

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo.** Editora Companhia das Letras. 2019

MBEMBE, Achile. **Necropolítica*, biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte.** Arte & Ensaios. Rio de Janeiro, v. [S.I], n 32, p.122-151,2016

POLÍTICA, G1. **Ministro do Meio Ambiente defende passar 'a boiada' e 'mudar' regras enquanto atenção da mídia está voltada para a Covid-19.** 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/05/22/ministro-do-meio-ambiente-defende-passar-a-boiada-e-mudar-regramento-e-simplificar-normas.ghtml>. Acesso em: 14 dez. 2022.

QUIJANO, Aníbal. **Colonialidade do Poder e Classificação Social.** In: SANTOS, Boaventura de Sousa, MENESES, Maria de Paula (Orgs.) *Epistemologias do Sul.* Coimbra. Edições Almedina. SA,2009.

SMITH, Linda Tuhiwai. ***Descolonizando metodologias: pesquisa e povos indígenas.*** Curitiba: Editora UFPR, 2018.

SOUZA, Adriana Uassuri de; SANTOS, Juvana Evarista dos; OLIVEIRA, Edileia Santiago. **A MULHER INDÍGENA E O PROTAGONISMO DA SUA PRÓPRIA HISTÓRIA DE LUTA E RESISTÊNCIA.** *Emblemas: Revista da Unidade Acadêmica Especial de História e Ciências Sociais - UFG/CAC, Goiânia, v. 17, n. 1, p. 94-105, jun. 2020.* Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/emblemas/issue/view/2174>. Acesso em: 19 set. 2020.